

Resistências ao acordo em...

por Tom Camargo
de Londres
(Continuação da 1ª página)

Nem o Natwest nem o Barclays admitiram, na sexta-feira, que tivessem chegado a uma decisão formal. "Não temos comentários a fazer", observaram secamente os porta-vozes dos dois bancos.

Os outros dois grandes bancos comerciais britânicos, o Lloyds e o Midland, cujo envolvimento com o Brasil é muito maior do que o do Natwest e do Barclays, informaram apenas que apóiam o "pacote" brasileiro. A direção do Midland, por exemplo, disse que acha que o "pacote" é uma "parte do caminho correto para equacionar o problema da dívida brasileira".

No mercado, a refugada do Natwest e do Barclays está sendo entendida como parte de um jogo de cena destinado a não deixar passar despercebido o fato de que as implicações do sistema regulatório bancário norte-americano não devem prevalecer, nas negociações da dívida, sobre os interesses da maioria dos bancos participantes.

Acertado no mês passado, o "pacote" brasileiro concretizou-se no exato momento em que a falta de uma solução obrigaria os bancos norte-americanos a rebaixar a classificação dos débitos brasileiros, instando-os a pôr de lado reservas específicas (incursionando nos lucros) equivalentes a até 10% de seus comprometimentos.

Para os bancos ingleses, supervisionados de forma distinta e praticantes de outros rituais contábeis, uma recente rodada de formidáveis ampliações das reservas para países em dificuldades criou, principalmente no caso dos pouco expostos, como é o caso do Natwest e do Barclays, um espaço para espremer.

"Muita coisa ainda vai acontecer, na surdina, para fazer os dois bancos voltar à linha", disse um banqueiro brasileiro, experimentado observador da cena da City. Para ele, o Banco da Inglaterra usará seus conhecimentos, mas sempre evasivos, métodos de persuasão, para evitar que a comunidade bancária local apareça dividida na frente da dívida.

"A decisão desses bancos não é absolutamente defini-

tiva", disse a este jornal um funcionário do Midland Bank. "Ainda haverá muita pressão para que eles voltem atrás." O "pacote" deverá ser assinado até o próximo dia 8.

O Natwest foi o primeiro banco inglês a seguir o exemplo do Citicorp e aumentar de forma realista suas provisões para países em dificuldades. Seus empréstimos ao Brasil são relativamente pequenos, compreendendo 483 milhões de libras esterlinas (cerca de US\$ 850 milhões pelo câmbio de ontem), faixa na qual também se encontra o Barclays. Em ambos os casos o comprometimento com o Brasil é inferior a 1% dos ativos totais de cada casa.

O Midland é o banco inglês mais vulnerável, tendo emprestado, no dólar corrente, perto de US\$ 2,5 bilhões ao Brasil. "O Lloyds, por sua vez, tem perto de US\$ 2 bilhões no Brasil."

O tipo de resistência que está sendo demonstrado pelo Natwest e pelo Barclays teve um precedente de peso no caso do "pacote" mexicano acertado em novembro de 1986, e que demorou quase seis meses para ser viabilizado, devido à reticência de um grupo de sessenta bancos da Nova Inglaterra e do sudeste dos Estados Unidos. A diferença é que, no caso mexicano, os bancos britânicos estavam do lado de quem queria ver o negócio concluído.

Como os bancos regionais norte-americanos se recusavam a comparecer com a fatia que lhes cabia, baseados em suas posições diante do México em agosto de 1982, os britânicos arrebanharam a cooperação de bancos nova-iorquinos, japoneses e outros europeus, exigindo que os americanos como um todo comparecessem com pelo menos 90% de seus comprometimentos, caso contrário os bancos britânicos diminuiriam sua participação percentual de 12,9 para 11,5% da "exposure" de agosto de 1982, inviabilizando, na prática, toda a empreitada. No final a pressão funcionou: além dos sessenta bancos regionais norte-americanos, dois bancos italianos, um francês e o Continental Illinois, também dos Estados Unidos, assinaram o "pacote".

Cont Rep 23 NOV 1988 484

Resistências ao acordo em Londres

GAZETA MERCANTIL

por Tom Camargo
de Londres

Os dois maiores bancos comerciais ingleses, o National Westminster (Natwest) e o Barclays Bank, poderão não aderir ao pacote de US\$ 3 bilhões que o Brasil está querendo fechar até 8 de dezembro com oitenta a noventa bancos e que servirá, com a adição de US\$ 1,5 bilhão desembolsados pelo Tesouro brasileiro, para cobrir o pagamento de juros atrasados.

Na sexta-feira, após uma das reuniões de rotina de um comitê de risco soberano (de países) que reúne os principais bancos britânicos — e no qual o Banco da Inglaterra (banco central) tem um assento de observador —, banqueiros participantes falaram que os representantes do Natwest e do Barclays se mostraram especialmente irritados com o pacote desde o primeiro dia em que o comitê se reuniu (quarta-feira). O argumento, que é compartilhado por outros emprestadores europeus e por vários japoneses, corre no sentido de que o pacote teria sido feito de encomenda para solucionar problemas dos bancos norte-americanos e que “tivemos de subscrever um fato consumado, pois tudo foi acertado entre os brasileiros, o

Federal Reserve Board (banco central norte-americano) e o Departamento do Tesouro”, como disse um funcionário de uma das casas recalcitrantes.

Se a recusa do Natwest e do Barclays se concretizar será a primeira vez, desde a eclosão da crise da dívida, com o “default” mexicano em agosto de 1982, que emprestadores de tal porte abortam ostensivamente um plano aprovado pelo comitê de bancos privados que lida com a dívida de países. Ainda que tenham mostrado resistência, como no caso dos mais recentes pacotes do México e da Argentina, bancos maiores sempre procuraram preservar as aparências, dando preferência aos acertos de bastidores.

(Continua na página 20)

O Brasil pagará mais juros pelo empréstimo de curto prazo que está pedindo aos bancos credores, em relação ao último acordo do início do ano passado, caso estes aceitem conceder o financiamento antes do dia 26 deste mês. Esse é o último prazo para receberem a “comissão de incentivo” de 0,125% oferecida pelo país, como relata o correspondente Paulo Sotero, de Washington.

(Ver página 19)